

[RESENHA]

CAMINHOS DA LIBERDADE NO JOVEM MARX

Jadir Antunes

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

VIEIRA, Júlia Lemos. *Caminhos da Liberdade no Jovem Marx: da emancipação política à emancipação social*. São Paulo: Anita Garibaldi & Fundação Maurício Grabois, 2017.

O livro *Caminhos da Liberdade no Jovem Marx: da emancipação política à emancipação social* de Júlia Lemos Vieira é um livro inédito que descreve a biografia intelectual libertária e democrática do chamado jovem Marx até seu ingresso, e mesmo durante, a chamada fase da maturidade. O livro é resultado da Tese de Doutorado em Filosofia da autora na Usp em 2014 sob a orientação do professor Sérgio Cardoso.

O que imediatamente nos atrai na leitura do trabalho de Júlia Lemos Vieira é sua desenvoltura para tratar de um tema caro, porém pouco compreendido pela tradição marxista: o da relação de Marx com a filosofia clássica – seja ela grega, latina ou alemã.

Não temos dúvidas do caráter original e crítico da teoria desenvolvida por Marx sobre a natureza contraditória e histórica da estrutura econômica, política, jurídica e ideológica da sociedade capitalista. Não temos dúvidas, ainda, da importância decisiva que tiveram na vida de Marx, pessoas geniais como Hegel, Feuerbach, Smith, Ricardo e mesmo Engels. O livro de Júlia Lemos Vieira, porém, vai além dessas certezas ao nos apresentar, de maneira clara e radical, a importância decisiva para Marx, para ela, maior ainda que Hegel e Feuerbach, do filósofo e materialista grego Epicuro.

É comum entre filósofos o debate e o questionamento sobre os princípios orientadores do pensamento propriamente filosófico. Em filosofia quem não tem princípios não tem pensamento e, por isso, não tem também filosofia. É comum atribuir aos gregos, ao platonismo e ao aristotelismo especialmente, o mérito de terem sido a grande matriz de todo o pensamento verdadeiramente filosófico do Ocidente, o mérito de terem

compreendido que não se pode fazer filosofia sem a adoção de um princípio racional essencial para a realidade, da adoção de um princípio único capaz de unificar racionalmente a irracionalidade da pluralidade, da multiplicidade e da diferença.

A ideia de que haveria algo em-si, por-si e para-si na realidade, de algo totalmente autônomo e independente da realidade humana e natural, de algo único e essencial, dotado do poder de organizar, racionalizar e dar sentido e finalidade ao caótico mundo da pluralidade, da multiplicidade e da diferença esteve na base de todas as grandes doutrinas clássicas gregas – posteriormente adotadas por quase toda a história da filosofia.

Seria este sistema metafísico, racionalista, objetivo, hierárquico e desigual de pensar que estaria, segundo os críticos de Marx, na base de todas as tendências autoritárias, antidemocráticas, hierárquicas, monolíticas, estatistas, necessitaristas, deterministas, objetivistas, burocráticas, elitistas e violentas do marxismo. Teria sido a adesão de Marx, segundo esses críticos, ainda que de maneira nunca clara e explícita na sua própria letra, a esta filosofia de matriz teológica e metafísica que teria condenado o marxismo a não suportar a pluralidade, a multiplicidade, a autonomia, a liberdade e a diferença – sejam elas teóricas ou práticas.

O livro de Júlia Lemos Vieira desmistifica essa falsa interpretação do pensamento de Marx ao nos mostrar que ele, desde sua tese doutoral até a maturidade, sempre teria sido, ainda que nem sempre explícito e claro em seus textos, um epicurista e ardoroso defensor da democracia, da pluralidade, da liberdade, da autonomia, da subjetividade, da diferença, da contingência e da multiplicidade.

O mecanicismo epicurista, ao negar o finalismo aristotélico e o determinismo democritiano, ao negar a existência de um princípio único, necessário e autonomizado ordenando e dando sentido à realidade, ao pensar o deslocamento contingente e não necessário dos átomos através do *clinamen*, ao atribuir aos deuses um caráter não antropomórfico, não consciente e não ocupado com os destinos da vida humana, ao negar a existência de qualquer coisa ou realidade em-si, fora, independente e diferente da natureza e do homem, de uma coisa que organiza e dirige a vida natural e humana de maneira objetiva, impessoal, necessária e universal, teria produzido em Marx uma visão filosófica não somente antimetafísica, antiteológica e antiabstrata, mas, sobretudo, horizontalizada, igualitária, democrática e libertária.

O livro de Júlia Lemos Vieira ocupa-se, minuciosamente, em nos mostrar, desde sua tese doutoral até seus primeiros escritos filosóficos de juventude, chegando à maturidade da *Ideologia Alemã* e ao *Capital*, como Marx sempre teve em mente o sistema materialista aberto, múltiplo, livre, plural e não finalista de Epicuro, um sistema racionalista onde a verdade não pré-existiria ao debate, onde não pré-existiria um saber e uma verdade absolutos e essenciais só apreensíveis pelos especialistas do saber, mas, onde a verdade é uma coisa que se produz no interior do debate público entre as muitas verdades efetivamente existentes na realidade.

O livro de Júlia Lemos Vieira nos mostra como Marx sempre se preocupou em desenvolver uma filosofia não dogmática, não teológica, não finalista, não necessitarista, não determinista e não racionalista, mas sim, uma filosofia que condenaria toda pretensão filosófica de elevar-se ao púlpito da verdade única e em-si, daquela verdade separada e absoluta que pretende elevar-se acima de todas as verdades como sendo a Verdade.

O livro de Júlia Lemos Vieira é de leitura filosófica profunda e agradável, está organizado em quatro capítulos e nele viaja-se pela história da filosofia enquanto história da metafísica e da teologia, enquanto história da falsa concepção de que há uma razão universal, absoluta, autonomizada e livre que organiza a realidade segundo seus próprios princípios ideais, necessários e abstratos. Em cada capítulo o livro procura esclarecer os problemas filosóficos enfrentados por Marx, quase sempre ligados à história da filosofia enquanto história da razão como coisa em-si, e como Marx os resolve tomando como pressupostos os princípios elementares do atomismo epicurista.

O livro parte do estudo da *Tese Doutoral* de Marx de 1841, *Sobre a Diferença entre Demócrito e Epicuro*, e prossegue estudando todos os principais textos, e mesmo textos por nós desconhecidos, da juventude de Marx, textos como as cartas ao pai Heinrich, onde Marx relata sua insatisfação com o formalismo filosófico e jurídico de Kant e seu ceticismo em relação à capacidade do Direito de ser um efetivo promotor da justiça e da ética entre os homens; os artigos e polêmicas contra Hermes e Moses Hess da *Gazeta Renana* de 1842; a *Crítica à Filosofia do Direito de Hegel* de 1842; os *Anais franco-alemães* e sua polêmica com o idealismo de Arnold Ruge de 1844; os *Manuscritos Econômico-filosóficos* de 1844; a *Ideologia Alemã* de 1845 e seu rompimento definitivo com as abstrações do idealismo e com a fraseologia filosófica; o *Manifesto Comunista* de 1848 e *O Capital* de 1867;

mostrando-nos quão profundamente democrática, aberta, libertária e não monolítica era a concepção filosófica de Marx desde seus primeiros trabalhos filosóficos até seu ingresso na maturidade e na velhice.

O livro de Júlia Lemos Vieira nos mostra, ainda, o papel positivo de Proudhon na formação do pensamento de Marx com sua crítica à propriedade privada em *O que é a propriedade?*; o papel positivo dos sentidos e da diferença para a formação da consciência humana no *Emílio* de Rousseau; o papel positivo do *Contrato Social* e a defesa rousseauiana de uma democracia direta, plural e aberta, de um Estado que seja o resultado não da vontade geral abstrata e alienada, mas da vontade geral real que se forma a partir da polêmica e do debate consciente entre as muitas vontades concretas e particulares.

Em todos os momentos de seu livro, Júlia Lemos Vieira nos lembra sempre da importância de Epicuro e da presença da *Tese Doutoral* nas diferentes etapas da crítica filosófica de Marx à teologia e à metafísica e de como a contingência, a liberdade, a pluralidade, a diferença, a autonomia e a democracia sempre foram tidas por Marx como valores fundamentais e que a verdadeira filosofia seria a filosofia fundada na racionalidade democrática, no debate e na pluralidade das argumentações que se apresentam publicamente.

O livro de Júlia Lemos Vieira é uma belíssima e profunda introdução ao pensamento e ao sentido político da crítica filosófica de Marx aos modelos de filosofia fundados na hierarquia do saber e da crença de uma verdade oracular em-si, necessária, objetiva, impessoal, abstrata e universal habitando fora e além da consciência humana real.

O livro também é uma crítica à falsa separação entre um jovem Marx filosófico, romântico e democrata e um Marx maduro científico, racional e revolucionário. O livro, por isso, é uma crítica rica e profunda ao chamado materialismo histórico dialético, que valoriza somente as chamadas obras da maturidade de Marx produzidas a partir da *Ideologia Alemã* e desmerecendo as anteriores, ao materialismo que abstrai tudo o que seja livre, consciente e subjetivo para valorizar somente as estruturas materiais objetivas, impessoais e racionais da realidade.

O livro de Júlia Lemos Vieira contribuirá, certamente, no desenvolvimento de um novo marxismo, mais vivo, trágico, dramático, radical e filosófico e que deve ser lido e apreciado até mesmo pelos mais experientes leitores de Marx.